

Fim do segredo

Brizola conta como fugiu do Brasil

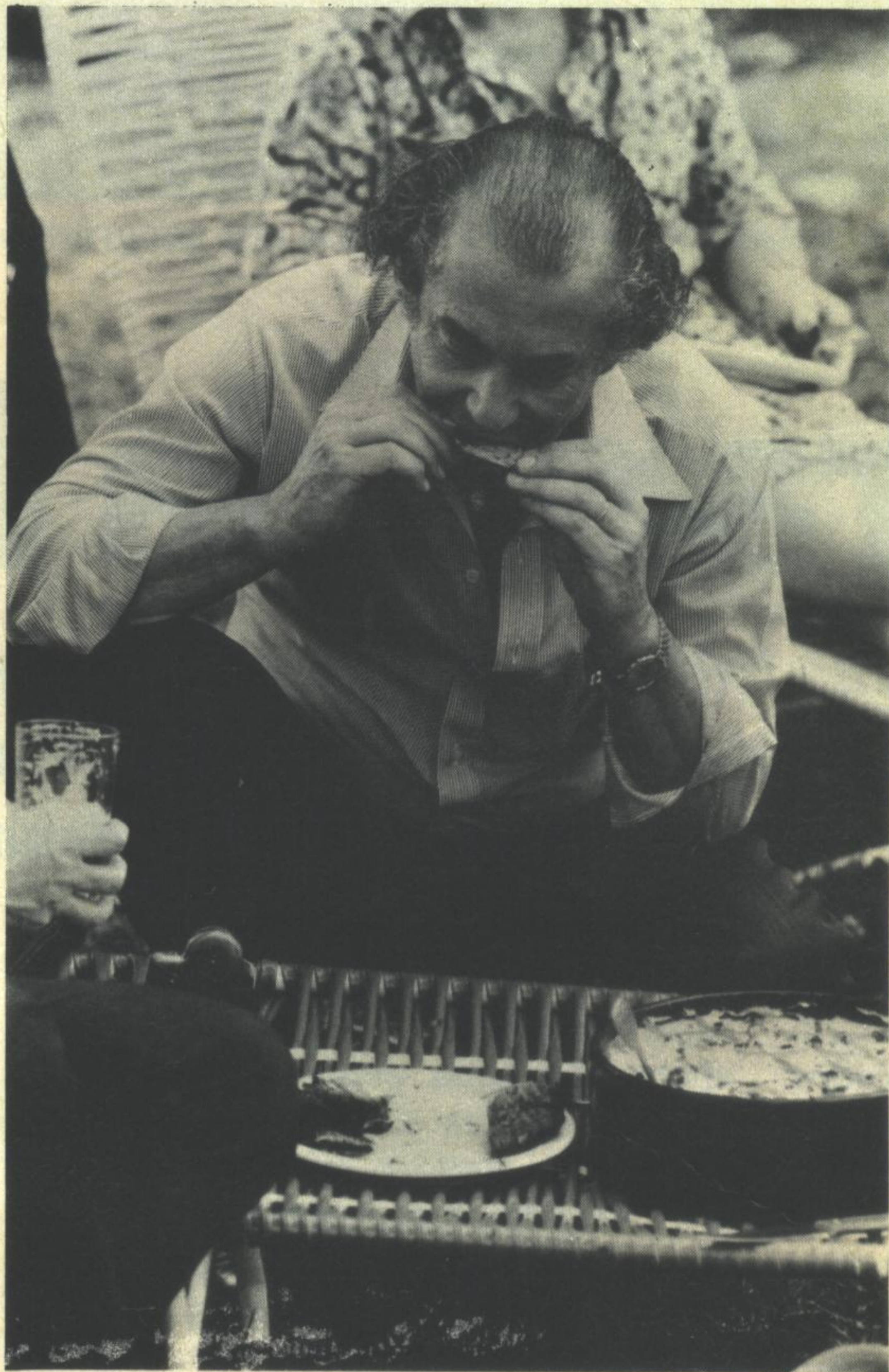
Um dos segredos mais bem guardados durante os últimos quinze anos por um grupo de pessoas ligadas ao falecido ex-presidente João Goulart, foi desvendado na terça-feira da semana passada, em Porto Alegre: o roteiro da fuga do ex-governador gaúcho Leonel Brizola para o exílio, fugindo da Revolução de 1964. Até então, não se sabia como Brizola, procurado pelo Exército e pela polícia em todo o Rio Grande do Sul, conseguira escapar para o Uruguai, na madrugada de 15 de maio de 1964 — um mês e meio após a queda de Goulart —, já convencido de que não tinha mais nada a fazer no Brasil. Foi o próprio ex-governador, aliás, quem rompeu o segredo, contando a história da fuga em uma das muitas reuniões que teve com seus correligionários na semana passada, entre festas e churrascos na capital gaúcha.

“Estamos todos anistiados e já podemos falar”, justificou Brizola, dirigindo-se a dois companheiros de conversa, o piloto Manuel Leães e dona Lenir Pezze, mulher do ex-vice-prefeito de Porto Alegre, Ajadil de Lemos. Com outras seis pessoas, os dois participaram da operação e mantiveram segredo até hoje, a pedido do ex-governador. “Falo nisso como quem desata um nó”, prosseguiu Brizola, ao lembrar o período de clandestinidade em que mergulhou gradativamente após o dia 1.º de abril, quando não conseguiu convencer Jango a nomeá-lo ministro da Justiça para que pudesse “organizar a resistência civil”. O primeiro refúgio foi uma fazenda a 30 quilômetros de Porto Alegre; de lá, uma semana depois e viajando à noite, com a mulher e três filhos, passou para uma casa no bairro de Petrópolis, na capital gaúcha; finalmente foi para o apartamento de Ajadil de Lemos, no coração da cidade.

O “SOLDADO” BRIZOLA — Nos primeiros dias de maio, dona Neuza Brizola e os filhos foram para Montevideu, onde o ex-deputado Wilson Vargas entregou-lhe a metade de uma nota de 1 cruzeiro. “Alguém vai lhe procurar com a metade que eu levarei”, disse Vargas. “Quando isso acontecer, peça a essa pessoa os planos da fuga de Brizola. Ela saberá tudo.” Dias mais tarde,

dona Neuza recebeu o mensageiro e, logo em seguida, ligou para “Maneco” Leães, o piloto de Jango. “Maneco, eu tenho um pedaço de cruzeiro para te mostrar”, disse ela, e levou os planos para o piloto.

Aquela altura, Brizola era procurado como o maior desafeto dos militares vitoriosos. Na madrugada de 15 de maio, saiu do Edifício Duquesa, no centro de Porto Alegre, e embarcou rapidamente num Volkswagen — como ele próprio contou na semana passada, “guiado pelas mãos frágeis” de sua hospedeira, dona Lenir Pezze. Estava irreconhecível: vestia um uniforme completo de



RICARDO CHAVES

Brizola: fugiu em 64 com farda de coronel

oficial da Brigada Militar, à exceção das estrelas de platina, retiradas pelo dono da farda, coronel Atilo Escobar, ex-chefe da Casa Militar de seu governo. Dona Lenir e o “soldado” Brizola viajaram 100 quilômetros, até a praia de Pinhal, onde aguardariam o avião de Jango.

Um dia antes, o piloto Maneco dissera a sua mulher, em Montevideu: “Eu vou buscar um gado para o dr. Jango” — e levou-a com os dois filhos para um lugar seguro no balneário de Punta del Este. Às 5h30 do dia 15 de maio, sem luz e sem autorização da torre de comando do aeroporto de Alcahuel, Maneco levantou vôo em direção a um

ponto qualquer da costa gaúcha, a bordo do Cessna 310 azul e branco, prefixo PT-BSP. “Não tinha instrumento, torre, nada para me ajudar”, lembra o piloto. “Minha única orientação era o relógio de pulso.”

SEGUNDOS EM TERRA — O piloto sabia apenas que o ponto onde Brizola deveria esperá-lo ficava a duas horas e 15 minutos de vôo do aeroporto de Punta del Este. “Se eu chegasse 10 minutos antes, Brizola não estaria na praia”, diz o piloto. “Se chegasse 10 minutos depois, ele já teria ido embora, achando que houvera algo errado e acionando um esquema alternativo, por terra.” Esse plano de emergência, preparado pelo coronel Escobar, consistia em um jipe, uma camioneta e três soldados da Brigada Militar, que atravessariam a fronteira com Brizola.

Quando já tinha duas horas e 5 minutos de vôo sobre o mar, Maneco embicou em direção à costa e começou a sobrevoar a praia, em busca do sinal de que estava tudo bem: dois caminhões e um automóvel estacionados na areia. Contudo, apenas um caminhão e um automóvel foram vistos pelo piloto. “Achei que algo estava errado, mas resolvi arriscar”, relembra Maneco. “Dei uma rasante sobre os veículos e, nesse momento, vi um brigadiano sair detrás de uma duna, acenando para mim. E o reconheci, aliviado, o dr. Brizola.” O outro caminhão tinha quebrado no caminho — e o avião ficou poucos segundos em terra, o suficiente para o fugitivo embarcar.

Às 11h30 da manhã daquele dia, o Cessna aterrou no pequeno aeroporto de Sarandi Grande, cidadezinha a 70 quilômetros de Montevideu, onde um amigo esperava Brizola com o automóvel que o levou ao balneário de Solimar, para encontrar-se com a família e com Jango. Como lhe pediram segredo, Maneco voltou para Punta del Este e disse à mulher: “Pronto, já resolvi o problema do gado do dr. Jango”. Quinze anos depois, o mesmo Maneco iria buscar Brizola em Assunção, no Paraguai, a bordo de outro Cessna, de João Vicente Goulart, que levou o ex-governador para São Borja, encerrando seu exílio.

LUÍS CLÁUDIO CUNHA